

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

PENSANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA “EMERGÊNCIA” DE UMA
ESCOLA LIBERTÁRIA.

Gabriela Gomes de Sousa

Prof(a).Dr(a). Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

Rio Claro (SP)

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

GABRIELA GOMES DE SOUSA

**PENSANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA “EMERGÊNCIA”
DE UMA ESCOLA LIBERTÁRIA.**

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro-SP

2014

910.07 Sousa, Gabriela Gomes de
S725p Pensando o ensino de geografia a partir da emergência de
uma escola libertária / Gabriela Gomes de Sousa. - Rio Claro,
2014
53 f. : il., mapas

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e
Ciências Exatas
Orientador: Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Educação tradicional. 3.
Educação libertária. 4. Vila-escola. I. Título.

GABRIELA GOMES DE SOUSA

PENSANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA
“EMERGÊNCIA” DE UMA ESCOLA LIBERTÁRIA

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho (orientadora)

Prof^o. Dr. José Gilberto de Souza

Prof^o. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Rio Claro, 24 de fevereiro de 2014.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

*As crianças da imensa Vila
Mundo por todas as coisas que me
ensinam...*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar sempre agradecerei a minha família, por tudo, mas principalmente pelo amor, que esse nunca faltou em nossa casa, hoje, agradeço pela maneira como me educaram e por todo o apoio para estudar Geografia e realizar esse trabalho...

Sou eternamente grata a Ana (maçã), minha irmã que inspira, Les e Tom, com vocês cheguei perto do anarquismo, e de a cada dia transformar a vida em uma obra de arte – ou pelo menos tentar- meus eternos companheiros seja lá onde estivermos...

A minha Tata, Maria, geógrafa, dançarina, artista, irmã e uma mestra, dentro e fora da sala de aula..A maior distância entre dois antigos amigos não é medida em quilômetros, mas de idéias, e isso nos mantém muito ligadas até hoje.

Agradeço ao Movimento Estudantil por todas as experiências com as nossas lutas, mas principalmente pelos sonhos compartilhados, torço para que este continue vivo, e formando os novos estudantes para serem “novos lutadores”.

Agradeço a Livia, minha irmã Zapatista, companheira de sonhos onde quer que esteja...

Sempre me lembro da Jah, minha irmã preta! Toda nossa vivência e experiência no Projeto EPA (Educação Periferia e Arte) muito me ajudaram nesse trabalho, e por me “apresentar” a Capoeira, uma paixão que em filosofia tem tudo a ver com a Educação Libertária.

Agradeço ao meu parceiro Vitor, japonês, professor, pelas incansáveis discussões deliciosas e pelo grande apoio nesse trabalho.

Agradeço e muito admiro a prof^a. Dr^a. Maria Bernadete, por toda a confiança e ajuda que me ofereceu, e por ser a mestra que é no que diz respeito a Educação.

Sempre agradecerei também a todos os filósofos, desde Sócrates com a sua “Sábio é aquele que sabe que não sabe tudo”, a todos os pensadores, e principalmente aqueles que incansavelmente lutaram todos os dias de suas vidas

para uma sociedade mais justa e que são nossos eternos mestres a distância, não há tempo e espaço que possa impedir essa aprendizagem...

Agradeço a Maya, minha amiga, irmã, filha, mãe, companheira e mestra, por tudo que vivemos, tão pequenina e tão grande! Pelo apoio na viagem em que conheci a Vila-Escola.

Agradeço a Rô e Caio, família Marques, por todo o apoio, confiança e o carinho que possibilitaram nossa mudança rumo a Bahia, além da inspiração pelas pessoas que são... Um gigantesco obrigada!

A Maíra, mais uma irmã que essa vida me trouxe e que na nossa busca em “construir” outro mundo nos permitimos a juntas vir para essa pequena Vila realizar nosso trabalho e alimentar nossas esperanças! Grande parceira e alimentadora de sonhos compartilhados.

Ao Alexandre, grande amigo e mestre! Médico-educador idealizador da Vila-Escola, filósofo que não só abriu as portas do Projeto como nos abraçou... Minha eterna admiração, porque afinal como ele mesmo diz: Tão importante quanto um prato de comida é um prato de sonhos...

Agradeço as crianças da Vila-Escola e da Vila de Cumuruxatiba por nos receberem de braços abertos e serem nossos grandes mestres...e aos amigos da Vila, por todo o carinho e por hoje serem nossa família...

Uma pessoa que jamais poderei me esquecer e que ajudou muito nas idéias desse trabalho, é do meu grande amigo Junior (TAZ), alguém que admiro pela coragem em tentar viver o anarquismo e pelo artista palhaço que leva alegria por onde caminha e ajuda na construção das Zonas Autônomas Temporárias, as TAZ de Hakim Bey que são verdadeiros sopros de libertação, a minha eterna gratidão. Como ele me disse uma vez, fica pra todos aqueles que não estão aqui, mas que passaram pela minha caminhada....

“Essa vida é como se estivéssemos em um barco navegando pelo mar da vida, e estamos sozinhos nessa jornada, porém, vez ou outra, conhecemos alguém que senta no nosso barco... Algumas pessoas ficam um tempão do nosso lado, outras vem ajudam um pouco e logo vão embora, nos enchendo de saudades,

algumas passam por segundos e jamais são esquecidas, algumas nos enchem de alegria, outras nos fazem chorar, algumas chegam até a fazer mudarmos o sentido da viagem, porém, todas elas passam. E para todos aqueles que passaram pelo meu barquinho... se hoje ele está ancorado onde está, é porque vocês me ajudaram. Minha eterna gratidão e saudades!

*Pandora apressou-se em colocar a tampa na caixa, mas, infelizmente, escapara todo o conteúdo da mesma, com exceção de uma única coisa, que ficara no fundo, e que era a **esperança**. Assim, sejam quais forem os males que nos ameacem, a esperança não nos deixa inteiramente; e enquanto a tivermos, nenhum mal nos torna inteiramente desgraçados” (Bunfinch, T. O livro de ouro da Mitologia, p.24).*

Resumo: O trabalho parte da compreensão de que a educação formal atual não superou o modelo tradicional. Seu principal objetivo ainda é o de transmitir alguns conhecimentos e valores necessários para uma formação disciplinadora e que tem como principal função a reprodução da sociedade de classes e exploração do trabalho. Assim, mediante a ineficiência do atual modelo, torna-se necessária a construção de outra proposta de educação. Nesse trabalho estudamos a Vila-Escola Projeto de Gente, que se propõe a outros princípios e práticas educacionais, ditas democrática e libertária. Para tanto será utilizada a metodologia da pesquisa qualitativa, com estudo de caso, utilizando-se de dados descritivos, documentais e os resultantes do contato direto com a realidade e com os sujeitos da pesquisa. O propósito é verificar como, neste modelo, o ensino de Geografia pode contribuir para a construção de uma educação libertária.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Educação Tradicional, Educação Libertária, Vila-Escola.

Abstract: The work starts from the assumption that the current formal education has not overcome the traditional model. Its main purpose still is to convey some knowledge and values needed for a disciplinary formation whose main function is the reproduction of a social class and the exploitation of labor. Therefore, by the inefficiency of the current model, it becomes necessary to construct another education proposal. In this work we have studied the Vila-Escola Projeto de Gente, which proposes other educational principles and practices, said democratic and libertarian. In this context it will be used the qualitative research methodology with a case study, using descriptive, documentary data, resulting from the direct contact with reality and with the subjects of the research. The purpose is to verify how, in this model, the teaching of geography can contribute to building a libertarian education.

Key words: Geography education. Tradicional education. Libertarian education. Vila-Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. EDUCAÇÃO, ANARQUISMO E PEDAGOGIA LIBERTÁRIA.....	11
2. COMPREENDENDO OS FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA.....	15
2.1 A Educação Tradicional.....	15
2.2 A Educação Libertária.....	18
2.3 O Ensino de Geografia: O modelo Tradicional.....	23
3. O ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA PROPOSTA LIBERTÁRIA: UM ESTUDO DE CASO.....	24
3.1 A Metodologia da pesquisa.....	24
3.2 A Vila-Escola Projeto de Gente.....	25
3.3 A Localização da Vila-Escola Projeto de Gente.....	28
4.O ENSINO DE GEOGRAFIA NA VILA-ESCOLA.....	30
4.1 A atividade de Trecking.....	30
4.2 Projeto Sistema Solar.....	32
4.3 Mosaico.....	32
4.4 Rodas de Conversa.....	33
4.5 Culinária Primitiva: Africanidades.....	34
4.6 Projeto Cultura Indígena Pataxó.....	34
4.7 Projeto Aventura.....	35
4.8 Projeto de Mitologia Grega.....	36
4.9 Entrevista com a Geógrafa Juliana.....	36

5. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA.....	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

A escolha do título a “emergência” de uma escola libertária, foi justamente utilizar-se da ambiguidade do termo. A idéia surgiu de conversas entre os educadores da Vila-Escola Projeto de Gente. A emergência é tanto no sentido de estar nascendo, surgindo, crescendo uma nova escola, quanto no sentido de tempo, da urgência de construirmos escolas libertárias.

A partir de experiências em escolas tradicionais com o ensino de Geografia, em projetos de educação informal, com Arte-Educação e através de leituras e discussões, surgiu um interesse em pesquisar sobre as escolas libertárias, sobre a Pedagogia Libertária, e principalmente experimentar práticas diferentes das formais, padronizadas em sua maioria.

Dessa maneira, nesse trabalho, buscamos conhecer e apresentar novas propostas didático-pedagógicas que possibilitem práticas de um ensino libertário de Geografia. Um ensino que contemple “a preocupação verdadeira de possibilitar que esses jovens entendam a si mesmos em primeiro lugar, para depois ir buscar no mundo científico as soluções de seus interesses” (SOBREIRA, 2009: p.310).

Apresentaremos também as propostas de uma Geografia Libertária defendida por alguns geógrafos anarquistas como Piotr Kropotkin, que em pleno final do século XIX, lançou o seu clássico “O que a Geografia deve ser” (KROPOTKIN, 2011: p.33), e segundo ele, o que impera é o fato de que o individuo faça da Geografia, ou de outra ciência, um exercício de mutualidade e do compromisso com a liberdade de todos (idem, p.35).

Partindo dessas leituras e discussões teóricas, descreveremos no capítulo 3: O ensino de Geografia em uma proposta libertária: Um estudo de caso, a

experiência em uma escola que não é pública, mas aberta à comunidade, e que parte de uma proposta de educação comunitária e democrática. Na Vila-Escola Projeto de Gente, os estudantes definem junto com os educadores os temas e conteúdos de ensino. O cotidiano não é de grades curriculares, avaliações e disciplinas, e sim de projetos de saber apoiados em seus interesses e não em currículos nem disciplinas, o importante é a particularidade de cada criança, e a liberdade não é simplesmente fazer o que quer, mas fazer o que se quer junto ao outro. Todas as decisões são tomadas coletivamente através de rodas de conversa semanais, que funcionam como assembléias.

Nessa escola conseguimos perceber, por observações realizadas previamente, que a Geografia também é ensinada e aprendida, mas de uma maneira bem diferente da encontrada na maioria das escolas.

A partir do referencial teórico, descreveremos o que foi feito em trabalho de campo na Vila-Escola Projeto de Gente, em que participou-se das atividades, reuniões, e também refletiremos sobre a estrutura do espaço, as relações que se estabelecem, os processos de ensino aprendizagem e como ocorre o ensino de Geografia.

Para finalizar o trabalho, analisamos os resultados obtidos com o estudo de caso e colocamos algumas reflexões finais que, longe de serem conclusões, são apontamentos e percepções que nos permitem compreender os limites e possibilidades de rompimento com as formas tradicionais de ensino, instigando o novo, aquilo que pode “emergir” libertariamente.

1. EDUCAÇÃO, ANARQUISMO E PEDAGOGIA LIBERTÁRIA.

A palavra Educação vem do latim e pode ser dividida em *educare*, que significa alimentar, criar e *educere* que é produzir, modificar (SANTOS, s/d: p.3). Este é um processo que se inicia desde que nascemos, e é a partir dele que aprendemos a moral, a cultura, as técnicas e a história construídas pela humanidade, ela é criadora de costumes nos sujeitos. Dessa forma a Educação pode manter as relações como estão, pode reproduzir, ou pode transformar a sociedade.

Podemos pensar também na educação como um processo que visa a totalidade do homem, ou seja, seu pleno desenvolvimento (GILES, 1983: p.27). Sendo um sujeito social, Herbert Read (apud Gallo 1995, p.36), vê a educação como um processo de individuação e integração, unindo singularidade individual com unidade social. Para ele educar seria oferecer condições para que cada um se descubra enquanto indivíduo livre e ser social (1995, p.36).

A Educação tem sido uma prática encontrada em toda a história dos homens, tendo sido formalizada e institucionalizada a partir da Idade Média apenas. Nas comunidades tribais, por exemplo, não havia um espaço formal de educação, conforme Aranha, “as crianças aprendem imitando os gestos dos adultos nas atividades diárias e nas cerimônias dos rituais” (1996: p.27), a formação era integral, e universal. Conforme as sociedades vão se desenvolvendo, a educação formalizada e institucionalizada passa a ser privilégio de alguns e exclusão para a maioria das pessoas.

Em sociedades como a Grécia e como em Roma, sendo sociedades escravistas, o trabalho manual era desvalorizado e a ênfase era dada nas faculdades espirituais dos sujeitos, mas ainda não havia um espaço formalizado de educação. Para Ivo Tonet a questão do trabalho, da transformação da natureza, era deixada de lado afinal, eram tarefas dos subalternos, escravos (2006, p. 2).

No período da Idade Média a escola nasce como instituição, com o predomínio do ensino religioso. Mas é apenas no Renascimento, com um novo ideal de homem, que o debate pedagógico começa a ganhar corpo (ARANHA, 1996, p. 30).

No processo de consolidação do capitalismo a idéia de formação humana sofre uma profunda transformação, passando de um assunto privado para público, e de total interesse do Estado burguês que nascia, conforme Gallo

A ingerência do Estado nas questões de educação começa a ganhar vulto a partir do século dezoito, concomitante com a idéia do desenvolvimento de sistemas nacionais de educação, ligados aos processos político-sociais de consolidação dos Estados nacionais europeus, instâncias que culminariam com o sistema de instrução

pública instalado com a Revolução Francesa e que se estenderia depois pelo mundo. (1998, p.14)

No mesmo sentido, a educação pública ganha força de acordo com as necessidades do capital para se reproduzir, já que agora com o trabalho assalariado, é fundamental formar uma massa de trabalhadores aptos a manusear as máquinas, nesse caso o trabalho ganha fundamental importância na formação do homem, mas como afirma Tonet, não o trabalho que desenvolve as potencialidades humanas, mas aquele trabalho destinado à produção de mercadorias (TONET apud MARX, 2006, p.2) e que aliena os homens.

Na realidade a educação reflete o tipo de sociedade que se quer estabelecer, e dessa forma existe a institucionalizada que procura reproduzir as relações já estabelecidas, formando um ser parcial comprometido com princípios definidos a priori e exteriores a ele (BAKUNIN apud GALLO, 1996, p.4). Mas existe também a possibilidade de uma educação que pode ter objetivos que visam transformar a sociedade capitalista, evidentemente que não a educação sozinha.

Diversos pensamentos, filosofias e práticas que questionaram o sistema foram marginalizadas e punidas. O pensamento anarquista foi colocado a margem, ocorrendo o que Silvio Gallo chama de “esquecimento histórico”, como resultado de um processo de perseguição pelos aparelhos de Estado (1996). É difícil sistematizar a filosofia anarquista, pois os anarquistas eram opostos a toda forma de dogmatismo. Para os anarquistas, a Educação cumpre um papel fundamental na construção da sociedade sem Estado e sem classes sociais.

Segundo Gallo (1996) antes mesmo de Louis Althusser alguns pensadores anarquistas como Pierre Joseph Proudhon, Michael Bakunin, Piotr Kropotkin, Francisco Ferrer i Guardia, entre outros, já denunciavam o caráter ideológico da educação do Estado (GALLO, 1996), conforme expresso abaixo:

A chave dessa educação burguesa é o preconceito. O Estado, exatamente pelo mesmo processo usado com os soldados, vai gravando, a força de repetições, sem demonstrações ou com argumentos falsos, certas idéias capitais, favoráveis ao regime burguês, no cérebro das crianças, dos adolescentes, dos adultos. (a naturalização do Estado e do Capitalismo, hierarquias, falsa

democracia, autoritarismo, preconceitos, classes sociais, etc)[...] embate no espírito infantil os chamados deveres cívicos: obediência às instituições, obediência às leis, obediência aos superiores hierárquicos, reconhecimento da propriedade particular, intangibilidade dos direitos adquiridos, amor da pátria até o sacrifício da vida, culto à bandeira, exercício do voto, necessidade dos parlamentos, tribunais, força armada [...].”(Silvio Gallo apud J. Oiticica, p. 114, 2006)

Para o pensamento dos libertários, as escolas dedicam-se a “reproduzir a estrutura da sociedade de exploração e dominação, ensinando os alunos a ocuparem seus lugares sociais pré-determinados” (GALLO, 1998, p.60) e faz isso através de um sistema autoritário.

Portanto o ideal anarquista defende uma educação não autoritária, auto-gerida, que possibilite a emancipação e respeito ao indivíduo e que tenha como fim a liberdade. Esse educar numa perspectiva anarquista ou libertária visa a formação integral dos indivíduos. Os anarquistas defendem que “cada homem tem o direito, quaisquer que sejam as circunstâncias de seu nascimento, de desenvolver, da forma mais completa possível, todas as faculdades físicas e intelectuais” (GALLO, 1996, p. 32).

A Pedagogia Libertária nasce junto ao pensamento anarquista, e suas experiências estão diretamente ligadas ao movimento operário do século XIX e XX (GALLO, 1996), porém hoje, esse debate não necessariamente significa sair da esfera do ensino para outros setores da vida política e social e, algumas experiências libertárias não necessariamente têm relação direta com o movimento anarquista (LIPIANSKY, 2007: p. 13).

Na perspectiva tradicional, a educação é pautada na transmissão de conhecimentos, o ensino é centrado no professor que detêm o saber e a autoridade, em uma relação vertical e hierárquica (CODELLO, 2007: p. 23). Pode-se observar que as práticas da maioria dos professores ainda são tradicionais, ou seja, os professores “depositam” o conhecimento nos alunos que “nada sabem”. Assim, ocorre uma padronização de indivíduos, em que a individualidade não é preservada,

os alunos são avaliados por meio de notas e provas, sendo divididos entre bons e ruins, não restando espaço para as diferenças.

A Geografia apesar de renovada enquanto ciência, na questão do ensino segue esse modelo tradicional ainda hoje, no qual o conhecimento está centralizado na figura do professor, conforme Antonio Elíseo Sobreira:

Assim, quanto mais se investe em alojar conhecimento na cabeça de alguém, mais distante se fica de uma sociedade democrática. Ninguém tem o direito de decidir o que o outro deve ou não saber, mas, infelizmente, a geografia participa desse grande projeto de adestramento. Por isso prevalece no mundo o estudo da geografia como descrição da terra e dos fenômenos sobre outras tendências de liberdade. (SOBREIRA, 2009: p.320)

Nesse modelo de educação a Geografia é ensinada como um fragmento, sem relação com as outras áreas do conhecimento, tampouco com a realidade da criança, e não comprometida com a transformação da sociedade. Para Sobreira

“[...] não é fácil romper com valores autoritários tendo que trabalhar com turmas de 40 ou mais estudantes, duas vezes por semana, tendo que aplicar provas e trabalhos obrigatórios e atuar sob condutas diretivas, classificatórias, proibindo chicletes e bonés, e sob processos engendrados na cabeça do professor.(2009: P.321)

A questão que se coloca é se é possível realizar outro tipo de ensino de geografia, em outra estrutura escolar, que facilite os processos de ensino-aprendizagem.

2. COMPREENDENDO OS FUNDAMENTOS DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

O fenômeno educativo faz parte da vida humana em sua totalidade e não se restringe a um único espaço. As discussões referentes a isto sempre geraram compreensões e posicionamentos diversos, bem como a negação preconceituosa, parcial ou até mesmo total, de diversas manifestações e experiências educativas (GALLO,1995, p.35).

Assim, para entendermos e explicarmos a emergência de uma educação libertária, e o próprio surgimento da Vila-Escola, foi preciso compreender o que se

entende por Educação Tradicional ou autoritária, aqui entendidas como sinônimos. Seguindo as compreensões, discutiremos sobre a Educação Libertária em seu sentido amplo, para dessa maneira termos elementos para refletir sobre a emergência de uma outra escola.

2.1. A Educação tradicional

O atual modelo de educação escolar, tal como conhecemos, tradicional, autoritário, vem se desenvolvendo desde o século XVIII na Europa, juntamente com a formação dos Estados Nacionais. A Educação, a partir de então, passa a ser pública e de responsabilidade do Estado, que necessita difundir a ideologia do nacionalismo. Além de que com o desenvolvimento do sistema capitalista, precisa-se de uma quantidade de mão de obra “instruída”.

Esse modelo de educação oferecida pelo Estado burguês, portanto burguesa, é preconceituosa, autoritária, massificadora e através do mesmo processo usado com os soldados vai gravando certas idéias, uma determinada moral, certos valores, como o individualismo, o patriotismo, a naturalização do *status quo*, favoráveis ao regime burguês, no cérebro das crianças, dos adolescentes, dos adultos (Silvio Gallo apud J. Oiticica- p. 114, 1998).

Diversos autores criticaram esse sistema de Educação tradicional, L. Althusser e M. Foucault foram nomes que se destacaram nesses estudos. Porém, antes deles os filósofos anarquistas já denunciavam o caráter ideológico da Educação do Estado. Para o pensamento anarquista as escolas dedicam-se a “reproduzir a estrutura da sociedade de exploração e dominação, ensinando os alunos a ocuparem seus lugares sociais pré-determinados” (GALLO, 1998, p.60) e faz isso através de um sistema autoritário. Segundo Proudhon (GALLO apud PROUDHON, 1996, p.4) para o Estado, as classes operárias devem receber apenas a instrução necessária para a realização das tarefas a que estão destinadas. Em outros termos, a educação capitalista sustenta e reforça o sistema de divisão social do trabalho, fonte da alienação.

Nessa perspectiva tradicional, a educação é fundamentada na transmissão de conhecimentos, o ensino é centrado no professor que “detêm” o saber e a autoridade, em uma relação vertical e hierárquica (CODELLO, 2007: p. 23). Nesse

sentido, é comum encontrarmos em uma escola, uma estrutura com portas, portões e grades, salas divididas por série e idade, carteiras enfileiradas, professores autoritários, grades curriculares, além do quase total desinteresse dos alunos no que está sendo ensinado. Os professores “depositam” o conhecimento nos alunos que “nada sabem”. O que importa é transmitir os conhecimentos aos alunos e avaliá-los somente por meio de notas, não considerando as individualidades e diferenças de processos de aprendizagem. Quem determina o que deve ser ensinado são os currículos nacionais. Assim, ocorre uma padronização de indivíduos, os alunos são avaliados divididos entre bons e ruins, não restando espaço para as diferenças.

Esse atual modelo de Educação, conforme dizia Bakunin, não forma um homem completo, mas um ser parcial, comprometido com princípios definidos por outros interesses exteriores a ele. Nas escolas todos são tratados da mesma maneira (HARPER, B. 1980: p.20) todos devem ter o mesmo ritmo de trabalho, com o mesmo livro, com o mesmo material, todos devem aprender as mesmas frases, saber as mesmas palavras e se interessar pelos mesmos assuntos. Todas as crianças devem adquirir os mesmos conhecimentos, devem fazer os mesmos exames, ao mesmo tempo. A maioria das questões que o professor coloca, quando coloca, já tem respostas prontas e que os alunos não participam, aceitam assim as regras do jogo, que lhes são impostas autoritariamente.

Os conhecimentos escolares são divididos em séries, que devem ser fixos, e o mesmo para todos. E apenas aqueles que absorveram o conteúdo podem ir para o ano seguinte. Os professores acabam se restringindo aos currículos e muitas vezes assuntos e questões espontâneas que surgem para os alunos são respondidas com “vamos voltar para o tema da aula”. Ocorre um abismo entre a escola, e a vida dos alunos. Dessa maneira os conhecimentos são colocados em gavetas e não se comunicam uns com os outros.

Em um sistema que divide as pessoas em classes o conhecimento é dividido também, portanto existem as escolas burguesas (privadas) que geralmente preparam os alunos que entram nas Universidades Públicas brasileiras, e as escolas públicas para toda a população. E dentro das próprias escolas os alunos também são divididos, entre bons e ruins. Os alunos não podem se comunicar entre si, o sentimento de coletivo não é trabalhado dessa maneira, pelo contrário é estimulada

a competição entre os alunos, além de a criança aprender o tempo todo a ser comandada. Dessa maneira fica difícil questionar todo esse sistema que adoece. A escola disfarça um discurso de Formar cidadãos críticos para exercerem a democracia, em uma estrutura antidemocrática, como se pode falar em democracia em um espaço como a escola?

A imposição baseada na punição e prêmios é castradora também ao ponto de colaborar para impedir o interesse espontâneo das crianças. É o caráter repressor que afasta a possibilidade de aprender e por isso que deseduca. E para a catástrofe social e emocional resultante, somos obrigados a nos submeter ao desencorajamento que ela produz (HARPER, B. 1980: p 25) “o sistema obrigatório se converteu em uma armadilha universal que não serve para nada. Porém, o que ocorreria com essas crianças? Para muitos deles, tanto da classe pobre como média, seus lares são piores que as escolas, e as ruas da cidade são piores em outro sentido. Nossos ambientes urbanos e suburbanos não são precisamente cidades ou comunidades em que os adultos cuidam naturalmente dos jovens e os educam para a vida viável (Sobreira apud Goodman, 1976, p.40)”.

A escolaridade não promove nem a aprendizagem nem a justiça, porque os educadores insistem em embrulhar a instrução com diplomas. Misturam-se, na escola, aprendizagem e atribuição de funções sociais. Aprender significa adquirir nova habilidade ou compreensão, enquanto que a promoção depende da opinião formada de outros. A aprendizagem é, muitas vezes, resultado da instrução, ao passo que a escolha para uma função ou categoria no mercado de trabalho depende, sempre mais, do número de anos de frequência a escola. [...] O sistema escolar repousa ainda sobre uma segunda grande ilusão, de que a maioria do que se aprende é resultado do ensino. O ensino é verdade, pode contribuir para determinadas espécies de aprendizagem sob certas circunstâncias. Mas a maioria das pessoas adquire a maior parte de seus conhecimentos fora da escola; na escola apenas enquanto esta se tornou, em alguns países ricos, um lugar de confinamento durante um período maior de sua vida (ILLICH, 1973, p.36), conforme nos aponta

Porque elas não ensinam a verdade sobre o mundo. As escolas, a pancadas, enfiam na cabeça dos estudantes a propaganda sobre democracia. Se elas fossem realmente

democráticas, não haveria necessidade de bombardear os estudantes com banalidades sobre a democracia. Eles simplesmente agiriam e comportariam democraticamente, e nós sabemos que isso não acontece (Chomsky apud Sobreira p. 208)".

2.2 A Educação Libertária

Na história da Educação e da Pedagogia muitas críticas são feitas ao modelo de educação autoritário, porém, existem poucas referências do pensamento anarquista. Contudo, segundo Gallo, consideráveis práticas pedagógicas libertárias ocorreram em diversos meios sociais e atreladas ao movimento operário (1995, p.13).

Para Silvio Gallo, "A Educação Anarquista ou Pedagogia Libertária inscreve-se no contexto das teorias modernas da educação", porém não deve ser confundida com o movimento da Escola Nova ou Escolanovismo (1996, p.1).

O ideal libertário na Educação nasce juntamente ao movimento anarquista em meados do século XIX, pois estes consideravam fundamental o papel da Educação para a transformação da sociedade capitalista, que produz a alienação do homem. Dessa forma a Educação deve ser instrumento para superar essa alienação, conforme nos aponta (Gallo, 1996), ao afirmar que a educação libertária é o caminho para a superação, e um importante passo na transformação dessa sociedade, pois pretende educar sem separar o trabalho manual do trabalho intelectual, desenvolver as faculdades intelectuais, e também as faculdades físicas, e, além disso, trabalhar uma educação moral, uma formação para a vida social, uma educação para a vivência da liberdade individual em meio à liberdade de todos, a liberdade social (1997, p.2).

Para os libertários, não se constrói outra sociedade sem um processo educativo transformador já no seio da sociedade capitalista, que de elementos para a construção coletiva da liberdade:

Educar a pessoa para que ela seja o que realmente é. Consciente de si mesma, de sua singularidade, de suas diferenças e da importância dos seus relacionamentos com o grupo social para a construção coletiva da liberdade. (Gallo, 1995, pag. 36).

Na atualidade existem algumas experiências libertárias que possuem uma “essência” anarquista, porém sem se denominarem dessa forma, aliás, existe uma dificuldade de classificar até onde vai o pensamento anarquista, por ser ele oposto a toda autoridade e a toda forma de dogmatismo (LIPIANSKY, 2007, p.13). Além de que a maioria dessas experiências foi perseguida pelo Estado que quis acabar não só com as escolas, mas com sua memória, por serem idéias perigosas para o *status quo*, como reconhece Ferrer i Guàrdia:

Não tememos dizê-lo: queremos homens capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que jamais sujeitem-se a nada; dispostos sempre a aceitar o melhor, desejosos do triunfo das idéias novas e que aspirem a viver múltiplas vidas em uma única. A sociedade teme tais homens: não se pode, pois, esperar que queira jamais uma educação capaz de produzi-los. (Gallo apud Ferrer i Guardia, 1996).

Um dos princípios que norteiam a Pedagogia Libertária é o de Educação integral. A proposta de educação integral dos pensadores libertários esta vinculada a crítica à sociedade de classes pautada na divisão social do trabalho, para tanto propõe a não divisão das faculdades físicas e intelectuais, conforme nos aponta:

À divisão da sociedade entre trabalhadores intelectuais e trabalhadores manuais contrapomos a união de ambos os tipos de atividade; e, em vez de sermos pelo ensino profissional, que subentende a manutenção da atual divisão entre o trabalho intelectual e trabalho manual, somos pela *education intégrale*, ou instrução completa, que implica no desaparecimento de tal distinção nociva. (Codello apud Kropotkin, 2007, pag. 154)

Essa idéia moderna de Educação Integral “nasceu do sentimento profundo de igualdade e do direito que cada homem tem de desenvolver, da forma mais completa possível todas as faculdades físicas e intelectuais” (Gallo, 1996: p.120).

Esse tipo de Educação considera que deve ser estimulado no indivíduo não apenas as capacidades intelectuais, mas as capacidades físicas. Para os anarquistas, essas duas capacidades devem ser valorizadas da mesma forma.

Ainda sobre essa questão o pensador anarquista completa: “A cada individuo deve ser deixada toda a liberdade de ação, afim de que possa desenvolver todas as suas capacidades naturais, próprias da sua individualidade” (Gallo, 1996: p.120). Porém não podemos nos esquecer de que na sociedade desigual em que vivemos, nem todos podem desenvolver-se plenamente, a educação integral deve assumir necessariamente, uma postura de transformação e não de manutenção desta sociedade (Gallo, 1996: p.138).

A Auto-Gestão é um ponto chave na construção do pensamento libertário. Ela implica na necessidade de todos os envolvidos em determinado espaço (seja uma escola, um bairro, uma comunidade, uma fábrica) participem conjuntamente na construção da auto- organização desse espaço. Assim, a gerência é responsabilidade única e exclusiva dos indivíduos que a compõem. Para os anarquistas, com a auto-gestão busca-se a construção de uma sociedade sem Estado, ou pelo menos numa sociedade na qual o Estado não esteja organicamente separado dela, como uma instância político-administrativa heterônoma (Gallo, 1996: p.139).

A autogestão no âmbito da escola envolve a auto-organização dos estudos por parte do grupo, incluindo crianças e educadores, respeita-se assim, o tempo e a demanda do aprendizado de cada indivíduo, e o próprio educando passa a ser ativo na construção do conhecimento que será aprendido.

O processo educativo pedagógico centra-se no educando, com pleno respeito aos estágios do seu desenvolvimento e o estímulo para que ele tome o próprio destino em suas mãos. O educando não é tratado como objeto (meio), mas enquanto sujeito e fim em si mesmo (Gallo, 1995: p 15).

Nesse tipo de gestão, todos participam das decisões importantes, e da manutenção e organização do espaço. Porém não são apenas os anarquistas que falam da autogestão pedagógica, algumas experiências se utilizam dessa prática, como por exemplo, Summer Hill na Inglaterra, o próprio “escolanovismo” mais liberal (Gallo, 1995: p 30). Mas o que diferencia a perspectiva libertária das outras tendências, é que essas outras experiências, se utilizam da autogestão como um meio, enquanto a perspectiva libertária a toma por um fim, ou como afirma Codello

(2008: p.205), essa primeira tendência a autogestão é tomada como metodologia de ensino, enquanto que na outra, ela é assumida como o objetivo da ação pedagógica.

Uma Educação não autoritária é outro princípio que norteia a Educação libertária e está intimamente ligado ao de autogestão. Nela o professor deve exercer a autoridade e não o autoritarismo através do controle e da repressão ao indivíduo.

Para Gallo, “A educação, não consiste em deixar a criança livre para que as potencialidades naturais aflorem, mas é um processo de construção coletiva da liberdade da autonomia, partindo da autoridade do professor que organiza o grupo” (Gallo, 1996, pag. 172). Dessa forma o educador seria um mediador, um facilitador, alguém para auxiliar a criança no processo de aprendizagem.

Todos os princípios como autogestão, antiautoritarismo, educação integral, estão relacionados entre si e com o conceito de Liberdade, que é essencial na construção de todo o ideal libertário. Foi partindo desse conceito que os filósofos anarquistas desenvolveram o seu pensamento de uma maneira geral, e em especial para a Educação. Esse conceito não é o mesmo para os diferentes pensadores anarquistas como Proudhon, Bakunin ou Kropotkin. Na realidade em muito se confunde a liberdade proposta pelos anarquistas com aquela proposta por filósofos liberais como Rousseau, que também escreveu sobre Educação em seu Livro Emílio ou Sobre a Educação.

Quando se fala em liberdade na perspectiva da Educação Libertária, quer dizer um respeito à liberdade de toda a humanidade, ela só pode existir no momento em que todos os homens forem livres, desse modo a liberdade deve estar presente na relação educador/criança como afirma Gallo

Podemos dizer, acertadamente, que o objetivo primordial da educação anarquista é a liberdade, é formar indivíduos livre, conscientes, capazes de uma vida solidária em sociedade. Mas é também formar homens que lutem pela liberdade de todos, pois, como já vimos, a liberdade só pode adquirir sentindo quando expressa coletivamente; um indivíduo só pode ser livre se todos os outros que compõe o coletivo social também o forem. (Gallo, 1996, pág. 31).

A questão que se coloca seria a de educar pela liberdade ou para a liberdade, que é uma oposição presente nas idéias de Rousseau e Bakunin, pois se

para Rousseau a liberdade é uma característica natural, a criança deve ser educada sem direcionamentos, já para Bakunin, sendo a liberdade uma característica social, a criança precisa ser educada no sentido da construção e conquista da liberdade (Gallo, 1996, p. 35).

A proposta libertária de outra Educação diverge dessas outras correntes educacionais devido a postura política resultante da concepção antropológica que a sustenta (Gallo, 1996: p.37). Acreditam que ao assumir o homem como um ser complexo, integral, com direito à igualdade e à liberdade, levaria necessariamente a um confronto político com a sociedade capitalista, que funciona através da alienação (Gallo, 1996:p. 40). Uma educação anarquista só pode ser a luta contra essa alienação, buscando formar o homem completo, ao mesmo tempo em que confronta-se com o capitalismo, buscando estratégias políticas de transformação social.

É importante lembrar que para Bakunin existem limites para as escolas libertárias, pois ainda que apareçam experiências nesse sentido, ainda que “eduquem” homem em liberdade, ao sair da escola se encontra uma sociedade que é dirigida por princípios contrários a essa educação e, segundo ele, “a vida social invade as escolas, as vidas das famílias e de todos os indivíduos que dela fazem parte” (Gallo apud Bakunin, 1996: p. 67).

2.3. O Ensino de Geografia: O modelo Tradicional

A Geografia ensinada nas escolas brasileiras, desde o princípio foi implementada seguindo um modelo educacional e curricular trazido do exterior. No caso foi importada da França, que transplantou o ideal de educação, o modelo de organização escolar, a forma e os conteúdos adotados pelas disciplinas. Nesse modelo curricular francês, importado pelas elites brasileiras, predominavam os estudos literários, mas também estavam presentes as ciências físicas e naturais, a história, as línguas modernas e a Geografia (REGO, 2005: 5). Segundo Capel, esse estudo de Geografia “*estuvo siempre presente com mayor o menor intensidad, aunque amenazada alguna vez por la fisiografía.*”(1988:113).

Para Rego, não só se estudava no Brasil a geografia considerada importante pelo governo francês, como também se faziam os estudos em compêndios

franceses(Rego, 2005:7). Esse modelo permaneceu por todo o período imperial, só ocorreram alterações em nossas escolas após terem sido implementadas anteriormente na França.

Somente a partir da década de 20, começou-se a superar o modelo de geografia escolar francês, que era caracterizado pela mera nomenclatura geográfica e pela descrição das paisagens, pautados ainda numa orientação clássica da ciência geográfica. Ruy Barbosa tem uma crítica desse tipo de ensino que, segundo ele:

“O ensino por nomenclatura domina exclusivamente: salvo algumas observações frias e sem cor acerca do aspecto físico e a indicação dos sistemas de governo, tudo o mais reduz-se à repartição monótona dos cultos e das famílias humanas por entre as diversas nações, cabendo, porém quasi todo o espaço à enumeração das terras e águas. Na geografia geral a grande questão, o empenho quase absoluto do curso está em gravar na memória os nomes de todos os países, mares, golfos, estreitos, lagos, rios, montes, ilhas, penínsulas, cabos: cerca de mil. Na geografia particular recrudescer a impertinência e a preocupação fixa, invariável, de decorar, e só decorar”.(BARBOSA, 1946: 306).

Essas críticas ao ensino de geografia (tradicional) são históricas, os geógrafos anarquistas Reclus e Kropotkin já denunciavam esse ensino de Geografia que não coloca perguntas, mas sim dá as respostas, que não faz as crianças pensarem e observarem o mundo a volta, pois já vem carregada de mapas, globos, objetos e pouca observação do espaço geográfico (E.Reclus e P. Kropotkin, 2011: p.16) e em seu clássico “O que a Geografia deveria ser”, Kropotkin aponta diversos elementos para um ensino de Geografia mais libertário.

As críticas que ficaram mais conhecidas e se propuseram a transformar o ensino de Geografia, foram as feitas pelos geógrafos críticos, tanto os radicais quanto os outros.

3. O ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA PROPOSTA LIBERTÁRIA: UM ESTUDO DE CASO

3.1 – Metodologia da pesquisa

Para realizar este trabalho optamos pela pesquisa qualitativa e pelo estudo de caso, para podermos descrever e vivenciar um contexto específico, ou seja, para estarmos em contato direto com o problema de pesquisa.

De acordo com a metodologia adotada, após a revisão da bibliografia, partimos para o trabalho de campo com registro, descrição, observação, reflexão, análise documental, organização e análise dos dados. Foram feitas também, para complementar a coleta de dados, entrevistas semi-estruturadas com educadores e crianças.

Usamos a metodologia do trabalho de campo, pois

O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito, não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como quem vai fazer uma visita; não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele (Bogdan, 1991, apud Geertz, 1979,p.241).

3.2. A Vila-Escola Projeto de Gente

A origem da Vila-Escola ocorre no Rio de Janeiro, no ano de 2005, e até os dias de hoje existe uma associação vinculada a esse espaço. Um grupo de cinco amigos se encontravam para discutir pontos de vista ligados a saúde, partindo do pressuposto de que todas as doenças vividas pela sociedade atual se desenvolvem a partir de questões psicológicas dos sujeitos. E essas doenças na realidade provêm de um sistema que, tentando padronizar os indivíduos, estes não se conhecem e não se desenvolvem plenamente.

A partir dessas questões, preocupados com as “doenças” que permeiam a sociedade resolvem discutir de que maneira poderíamos nos tornar indivíduos mais saudáveis, no sentido físico, emocional e psíquico. Ao entrar em contato com essas questões esse grupo percebe que o ambiente educacional seria o mais adequado para que isso se torne viável.

É nesse momento que começa brotar primeiramente o Projeto de Gente, que futuramente se tornaria a Vila-Escola Projeto de Gente. Uma experiência de

educação comunitária, onde a democracia é exercida cotidianamente. Vivencia-se uma prática pedagógica em que os estudantes definem, junto com seus educadores, uma trajetória de aprendizado, apoiada em seus interesses – os Projetos de Saber – e onde os educadores tem a oportunidade de acompanhar a jornada de cada um dos meninos e meninas.

No ano de 2007 iniciou-se, na Vila de Cumuruxatiba, litoral sul da Bahia, um trabalho voltado para crianças e jovens. Era a concretização do Projeto de Gente.

A vila de Cumuruxatiba, apesar da influência do turismo, ainda mantém relações de caráter comunitário entre os habitantes da Vila, que para nosso trabalho é importante pela especificidade e relação com os princípios de uma educação libertária.

Ao longo de quatro anos o Projeto de Gente funcionava basicamente nos contra turno das escolas, chegando a trabalhar com 80 crianças e jovens por dia.

Dessa forma considerou-se que uma estrutura democrática era a mais adequada para o Projeto, ocorrendo semanalmente rodas de conversa, abertas a todos os envolvidos no espaço e onde eram decididos todos os temas de interesse do projeto, sem distinção de idade cargo ou função.

No decorrer de três anos de atividades algumas constatações tornaram-se bem nítidas: a imensa falta de costume dos meninos e meninas serem, ou se sentirem, ouvidos – o que se evidenciava sua postura, tímida ou desinteressada, às vezes agressiva, durante as rodas; o descrédito deles quanto à possibilidade de serem ouvidos; a falta de hábito de participar de decisões que dizem respeito a elas mesmas; a dificuldade dos adultos ouvirem – e considerarem – as crianças; e, por conta de diversas circunstâncias, havia uma grande flutuabilidade na presença das crianças no cotidiano do trabalho.

A flutuabilidade dificultava sobretudo a dinâmica democrática que exige, acima de tudo, participação dos envolvidos. Além disto, foi percebido que o foco primordial do trabalho – a atenta observação do processo de individuação, isto é, a caminhada de cada um ao encontro de si mesmo – também ficava muito prejudicada.

Depois de muita conversa entre todos foi proposta uma reorganização do Projeto. Devido a todas essas questões o projeto sente a necessidade de se assumir como escola, o que acarretava em algumas exigências: uma maior participação dos

pais das crianças e dos jovens no envolvimento dos trabalhos ali desenvolvidos. Além da questão da formalização do Projeto, que ao visar se tornar uma escola, necessitaria ser institucionalizado, inclusive pois traria maior aceitação dos pais.

Atualmente a Vila-Escola Projeto de Gente ainda funciona no contra turno das escolas tradicionais, e possui 30 crianças e 8 educadores. Todas as atividades, projetos de saber, oficinas, festas, reuniões, são decididas nas rodas de conversas – assembléia – e cada participante tem direito a fala e voto.

Qualquer criança, assim como qualquer adulto, pode propor alguma atividade de seu interesse e aqueles que também tiverem interesse combinam o horário de determinada atividade semanal, assim nascem os Projetos de Saber.

Um dos maiores desafios que se colocam consiste no fato de as crianças estudarem nas duas escolas, tradicional e Vila-Escola. Além de que, diferente de outras experiências de escolas libertárias, os pais não possuem a compreensão necessária com a filosofia do Projeto. Dessa maneira o desenvolvimento do trabalho acaba comprometido, pois as crianças passam mais tempo com a família e na outra escola, e tem que ocorrer sempre o processo de desconstrução de certos valores e hábitos potencializados nesses espaços.

Na Vila-Escola Projeto de Gente, existem muitas regras também, porém elas são construídas junto com os educadores, e são chamadas de combinações. As combinações são lembradas a todos os momentos e particularmente nas Rodas. Portanto o educando acaba sendo cobrado, mas com a legitimidade de alguém que participou da construção daquela regra, portanto não faz sentido ele não respeitar. E vale ressaltar que qualquer pessoa, educador ou criança, pode propor a mudança de um combinado.

A Vila-Escola Projeto de Gente já teve sua sede em diversos lugares. Na realidade a sede da Associação Projeto de Gente, se localiza no Rio de Janeiro, local em que o projeto foi idealizado. Hoje, as atividades ocorrem no espaço de uma Pousada, que no período do verão (dezembro a fevereiro) funciona como Pousada e o resto do ano funciona como Escola. A dona da pousada disponibiliza de uma maneira solidária ao Projeto.

A Vila-Escola possui dois espaços ao ar livre que funcionam como quadras; possui uma sala em que se localizam os armários das crianças e fica guardado todo o material pedagógico, que possui mesas também e espaço para ocorrerem alguns

projetos; uma sala que é a biblioteca, que, aliás é aberta a toda a comunidade; uma sala em que são organizados os materiais dos projetos e desenvolvidas algumas atividades também; a cozinha, que são feitos os lanches das crianças, que são feitos pelas próprias crianças, com ajuda de um educador que ajuda no lanche e na limpeza, e algumas oficinas de culinária também acontecem ali; a varanda, que tem mesas com tabuleiros de xadrez, dama e gamão, que as crianças usam cotidianamente, entre as atividades, ou quando não querem participar de outros projetos que ocorrem, tem outras mesas que são usadas também para outros projetos, é na varanda que são feitos os lanches, e as aulas de música; um espaço a céu aberto, como um pátio, com coqueiros e com uma falésia ao fundo, com uma mata; algumas atividades são desenvolvidas em outros espaços, como as oficinas de Culinária, as aulas de natação que ocorrem na piscina de uma outra Pousada parceira da Vila-Escola; algumas atividades são feitas no Camping, outras na praia.

A Vila-Escola hoje possui na equipe alguns educadores com diversas formações, sendo um médico-educador, um engenheiro ambiental, duas geógrafas, uma artista plástica, uma cozinheira, uma pedagoga, dois músicos, uma educadora física, um capoeirista, além das oficinas que surgem espontaneamente por alguém da Vila ou algum turista, ou até mesmo alguma criança que proponha alguma atividade em que ela pode ser aicineira. Não existem cargos como diretor ou coordenador, pois todos participam das decisões e da organização, através das rodas e das reuniões dos educadores e reuniões com os pais.

São 25 crianças que participam cotidianamente na Vila- Escola, mas tem os que visitam as vezes e os que participam de algumas atividades apenas.

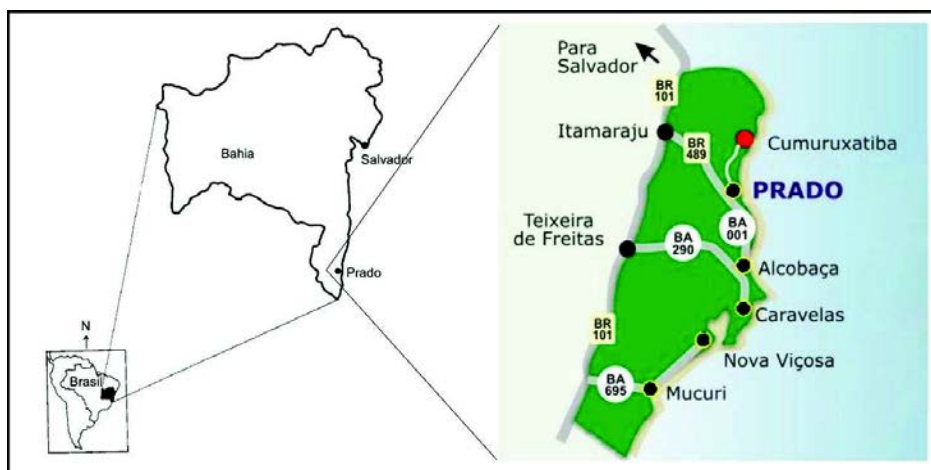
O calendário da Vila-Escola acompanha o da Escola pública da Vila, pois as crianças frequentam as duas escolas, de manhã a tradicional e de tarde a Vila-Escola.

O cronograma é organizado por crianças e educadores, e é decidido nas Rodas de Conversa, em que são marcados os encontros de cada um dos Projetos de Saber.

3.3. Localização da Vila-Escola Projeto de Gente

A Vila de Cumuruxatiba é um distrito do município de Prado de aproximadamente 5000 habitantes, em que os habitantes são predominantemente de origem indígena (Pataxó) e afrodescendentes. Está localizada no extremo sul do estado da Bahia (FIGURA 1) a 242 km da cidade de Porto Seguro e a 40 km de Prado.

Figura 1 - Localização de Cumuruxatiba



Fonte: Site <http://bahia.com.br/> (Acessado em 12 de outubro de 2013)

A Vila está localizada na “Região dos Abrolhos” área costeira e marinha reconhecida como a de maior biodiversidade do Atlântico Sul que abriga a maior extensão de arrecifes de coral do Brasil e uma grande variedade de outros organismos marinhos. A área marinha mais próxima a Cumuruxatiba foi declarada Reserva Extrativista (RESEX) Marinha de Corumbau no ano de 2000 com uma área aproximada de 90.000 ha. em uma extensão de cerca de 65 km de costa.

A Reserva foi criada como resultado da mobilização das comunidades tradicionais de pescadores artesanais. A RESEX tem como objetivo proteger os meios de vida e a cultura da população extrativista tradicional da área e garantir a exploração auto sustentável e a conservação de seus recursos naturais. Dentro da RESEX existem bancos pesqueiros onde se explora camarão, peixe e outras espécies que sustentam e beneficiam 650 famílias de diversas localidades tanto da vila como de outras aldeias e comunidades da zona. Algumas dessas famílias pertencem a comunidades indígenas, pois na região há uma importante presença da etnia Pataxó que conta com diversas aldeias espalhadas entre o município de Prado e de Porto Seguro, todas elas próximas a Cumuruxatiba .

Toda esta região é também a principal área de reprodução da baleia Jubarte, espécie que entre julho e outubro estimula o turismo em Cumuruxatiba e em toda a região considerada pelo Estado da Bahia como o destino turístico “Costa das Baleias”. Mas o turismo na vila também é estimulado durante o verão. A riqueza marinha e os atrativos naturais como praias, baías, enseadas, falésias, manguezais e rios estimulam a chegada de visitantes assim como o crescimento da infraestrutura turística na vila (restaurantes, pousadas, bares etc).

Devido ao crescente turismo, existe uma população estrangeira que são os verdadeiros investidores no setor turístico. Essas condições fazem de Cumuruxatiba um local privilegiado para qualquer tipo de experiência educativa. A sobreposição de diversas formas de controle e conservação ambiental, o crescimento turístico e a diversidade populacional (indígenas, afrodescendentes, pessoas locais ou estrangeiras que vinculadas ao comércio ou ao turismo e os turistas) geram diversos tipos de conflitos, pressões e questões centrais no processo educativo como: racismo, controle territorial, uso sustentável dos recursos, diversidade étnica etc.

4. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA VILA-ESCOLA PROJETO DE GENTE

O ponto central deste trabalho consiste na observação e reflexão de como acontece o ensino de geografia na Vila-Escola Projeto de Gente. Nessa escola, as disciplinas não são divididas e nem o conhecimento é fragmentado, portanto analisamos algumas atividades em que aparece o ensino de geografia.

4.1. Atividade de Trecking

Essa atividade foi proposta pelos educadores Juliana (Geógrafa) e Leonardo (Engenheiro Ambiental), foi aceita pelo grupo através de uma roda de conversa.

Para essa atividade os educadores fizeram um preparo que consistiu em dividir as crianças em equipes, e cada equipe teriam quatro pessoas e necessitaria de certas funções para cada participante como: bússola, guia, tempo e passos. Fizeram o preparo da atividade, a criança que ficava responsável pelos passos, por

exemplo, era necessário medir o tamanho do seu passo, e dessa forma foi trabalhada a noção de escalas de medida, como centímetros, metros e quilômetros. A criança que ficaria responsável pelo manuseio da bússola, aprendeu noções de localização, a partir da necessidade concreta do desafio da brincadeira. O guia ficava com a planilha, ou seja, o percurso com as dicas, o que deveria ser feito no trajeto, o que estava por vir. A pessoa responsável pelo tempo ficava com um relógio e calculando se a equipe estava no tempo exato necessário. Feito esse “treinamento” com as crianças, os educadores propuseram que essa atividade seria feita em um camping que se localiza próximo a escola, que possui uma área grande com vegetação e rio.

Sáimos da Vila- Escola, cada criança pegou sua bicicleta e seguiram sozinhos até o local, pois a vila é bem tranquila e não existem grandes problemas das crianças saírem sozinhas as ruas.

As crianças tinham que trabalhar em coletivo o tempo inteiro, fazer contas, manusear a bússola localizando os lugares para onde a equipe deveria ir, tinham que observar o espaço a sua volta todo o tempo, uma criança dependia da outra, portanto se ajudavam. A atividade foi bem interessante, pois além de trabalhar muito o lúdico com as crianças, trabalhou diversos conceitos e conhecimentos, em especial geográficos. A educadora e geógrafa Juliana fez algumas oficinas com eles antes, sobre como manusear a bússola, o que fez surgir o interesse pelos pontos cardeais e localização no espaço.

A atividade aconteceu tranquilamente, sem grandes problemas, não ocorreu nenhuma situação de alguma criança “fugir”, ou algum educador ter de ficar chamando a atenção. A equipe quando chegava no ponto de chegada, recebia um “brinde” e não haviam vencedores, pois o intuito não é trabalhar a competitividade do grupo. Depois da brincadeira, que as crianças gostaram muito, ocorreu um futebol no campo do camping. Uma das crianças me falou: Hoje é o melhor dia da minha vida.

Terminado o dia de atividade, voltamos para casa acompanhando uma das crianças, ele tem 6 anos e está aprendendo a ler e escrever, me perguntou porque o sol nascia no Leste e se põe no Oeste, conversamos sobre isso e ele ficou bem

interessado, perguntava, desenhava no chão, conseguiu se orientar fazendo referências ao mar que está a leste, o continente a oeste, na sua frente o norte e atrás o sul, o curioso é que ele ainda está sendo alfabetizado porém já tem várias noções.

4.2. Projeto do sistema solar

Um outro Projeto de Saber que tivemos a oportunidade de acompanhar foi o Projeto do Sistema Solar. Este projeto partiu do interesse de um grupo de crianças que queria saber mais sobre o assunto. Então as crianças junto com o educador, combinaram o dia e o horário de se encontrar para estudarem.

O educador ali tem o papel de facilitar o conhecimento sobre determinado assunto, trazendo livros, propondo questões, facilitando a compreensão. Foi estudado sobre os planetas, as estrelas, o Sol, as distâncias, as noções de proporção de cada planeta com relação ao Sol. O projeto teve como síntese a construção de uma maquete do Sistema Solar, que ficou pendurada em uma das salas da Vila-Escola.

4.3. Mosaico

Ocorreu também o Projeto de construção de um Mosaico com as crianças. As crianças junto com os educadores decidiram que fariam a Rosa dos Ventos e duas placas para a Escola. Todas as crianças se comprometeram a coletar tampinhas de garrafa e azulejos quebrados para a construção do mosaico, e de fato ajudaram, em pouco tempo já tinham o material suficiente. Na verdade faltaram tampinhas, conversou-se com eles que sem as tampinhas não dava pra fazer, todos se comprometeram novamente e conseguiu-se o suficiente para fazer as placas.

Essa foi uma atividade em que puderam ser abordados diversos assuntos como: Os Pontos Cardeais, localização, formas geométricas, ângulos, além de concentração, paciência, e o mosaico enquanto uma metáfora do projeto, pois assim como a escola, no mosaico cada peça (criança) é diferente da outra, e existe um lugar em que ela se encaixa muito melhor do que em outro lugar.

Foram necessários alguns dias para a construção do mosaico, e simultaneamente ocorriam outras atividades durante essa, e se participou quem

estava com interesse naquele momento, quem não queria fazia outra atividade. Todas as crianças participaram, não ao mesmo tempo, alguns ajudaram a quebrar os azulejos, cortando, colando, inclusive aprenderam a conduzir a torquês, uma ferramenta para quebrar os azulejos.

4.4. Rodas de Conversa

Em nosso primeiro dia na escola, ocorreu uma roda de conversa em que fomos apresentadas, falamos sobre os nossos objetivos, como chegamos na Vila-Escola, de onde somos, inclusive a educadora Ana pegou o globo terrestre para que mostrássemos o lugar de onde viemos, e uma das crianças logo foi apontando a localização do Brasil no globo. Uma das crianças perguntou por que escolhemos aquela escola para estudar entre tantas que existem por aí, então uma educadora perguntou porque a Vila Escola é diferente e eles responderam que na “outra” escola existem muitas regras, e aqui também porém, aqui nós que fazemos as regras, aqui a criança aprende e o educador também, e todos decidem juntos.

A roda de conversa ocorre todas as segundas-feiras ou sempre que necessário, são as chamadas rodas extraordinárias para resolver alguma urgência imprevista. Essas rodas são uma possibilidade de construir de fato um espaço democrático, nessa roda, todos tem poder de fala e voto, independente da idade. Claro que em alguns momentos as crianças dispersam, porém logo são cobradas de que elas que se comprometeram com esse formato.

É perceptível que por já terem o costume de participarem das decisões e questionarem, perguntarem, as crianças cada vez mais estão percebendo a sua “liberdade” de construir tudo o que diz respeito a Escola.

Outra roda que participamos, foi conversado que as crianças não cumpriram um combinado, as crianças propuseram que escrevessem uma carta pedindo desculpas aos educadores. Uma das crianças refletiu:- porque não cumprimos o combinado? Porque as pessoas falam sem pensar, na empolgação. Outra criança falou que queria sair da roda, pois estava estranha, um educador diz que se toda vez que acharmos o mundo estranho quisermos sair dele, como vamos transformá-lo? Por fim a criança permanece na roda.

Em outra roda, duas crianças já foram logo pegando um caderno, anotando as informações importantes do que estava sendo decidido.

Dessa forma as crianças conseguem ter uma experiência democrática de fato.

4.5. Culinária Primitiva: Africanidades

Acompanhamos também outro Projeto de Saber que ocorre uma vez por mês, que são as oficinas de Culinária da Dolores. Elas ocorrem no espaço do restaurante Mama África, em que sempre é escolhido um prato da culinária de origem africana, e por fim uma aula de História e Geografia sobre Brasil, África, etc.

Essa oficina foi proposta por Dolores, uma Angolana que mora em Cumuruxatiba. A

aula acontece na sua casa que tem um amplo terreno com muitas árvores e um fogão a lenha.

A idéia é que ela em conjunto com as crianças façam uma fogueira e nela esquematizem um fogãozinho. Em cada oficina a Dolores escolhe um prato diferente para eles fazerem, a partir

do prato escolhido, ela conta a história de onde veio esse prato conta um pouco sobre o lugar

onde ele foi inventado. Depois que todos cozinham, sentam para comer juntos.

Na última oficina realizada, Dolores fez Munguzá, um prato angolano que no Brasil é mais conhecido como canjica. Ela contou um pouco sobre seu país, sobre a guerra civil de Angola, fez um paralelo com a sua própria história de vida, pois saiu de Angola no meio da guerra, e se perdeu de sua família.

As crianças foram fazendo perguntas, sobre o que tinham interesse em saber. Este é um bom exemplo da forma em que as crianças da Vila Escola acessam e compartilham informações com a sociedade em geral. A Vila Escola vale-se do conhecimento e da história das pessoas diversas que moram em Cumuruxatiba, que como livros vivos ajudam de uma forma prática e divertida às crianças e educadores a conhecer e aprender sobre os mais diversos temas.

4.6. Cultura Indígena Pataxó

Um Projeto de Saber que diz muito a respeito da particularidade da Vila de Cumuruxatiba é o projeto de Cultura Indígena. A Vila de Cumuruxatiba é um território Pataxó, com inúmeras aldeias, uma escola Indígena, além de ter sido o primeiro lugar que os colonizadores portugueses encontraram “terra a vista”, fica localizada próxima ao Monte Pascoal, e ao Parque do Descobrimento. Na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, ele já descreve a barra do Rio Cahy, onde conseguiram parar para beber água, pois mais ao Sul da Vila, existem recifes de coral que formam um verdadeiro muro que impedira que ancorassem ali, e só conseguiram mais ao norte, depois seguiram para onde hoje se localiza Porto Seguro. Portanto aqui é muito perceptível os produtos de todo o processo da colonização européia.

Fruto desse processo histórico, a população é basicamente composta por descendentes de índios e negros. Várias crianças da Vila-Escola são indígenas, filhos de lideranças, alguns estudam na escola da Aldeia, mas vivenciam e se identificam com a cultura indígena, com músicas, brincadeiras, costumes, alguns valores. Assim nasceu o Projeto de Saber de Cultura Pataxó, que desenvolve-se com diversas atividades, desde produções artesanais, estudo da língua, culinária, brincadeiras, história, lendas, músicas e danças, até festas temáticas, idas a aldeia, plantas medicinais dos índios, etc.

4.7. Projeto Aventura

O projeto aventura foi proposto por uma das crianças, considerando que no terreno da Vila Escola há uma falésia onde as crianças adoram subir e explorar, porém a erosão da falésia era perceptível, e começou a ficar perigoso. Assim foi proposto que os educadores acompanhassem as crianças e buscassem uma maneira de desenvolver uma atividade naquele

espaço, mas foi percebido que não havia muitas condições seguras ali. Porém as crianças queriam aventuras, foi então que decidiram criar o “projeto aventura”, para além dos portões da Vila Escola. Cada semana as crianças junto dos educadores vão explorar algum lugar de Cumuruxatiba, lugares onde elas possam aprender e se aventurar ao mesmo tempo.

O último lugar que elas foram foi na aldeia patax Tibaó, que fica a 6 quilômetros da Escola. Todas as crianças e educadores foram de bicicleta, por lá eles tiveram a oportunidade de conhecer a aldeia, tomar banho de rio, conviver e conhecer um pouco da cultura Pataxó e como algumas

crianças da Vila Escola são e moram na aldeia elas foram as principais guias que apresentaram o lugar para os demais. Inclusive foi conversado sobre a questão territorial indígena local, que até hoje brigam pelo seu espaço.

4.8. Mitologia Grega

O projeto de saber de mitologia surgiu quando um educador percebeu o interesse de uma criança sobre o assunto devido a um jogo com esse tema. A partir disso, um grupo de interesse se juntou e mergulhou-se no universo da história e da geografia. Conheceram um pouco da Grécia, cultura, localização, proximidades, história, desenvolvimento, e como a mitologia nasceu no meio disso tudo, além de se colocar questões a respeito do conhecimento científico, artístico, mitos, etc. Após esse estudo, as crianças decidiram estudar um mito de cada vez, o primeiro foi o mito do Faetonte.

Uma das idéias da Vila-Escola é que cada projeto de saber encerre com um trabalho artístico, nesse caso, do mito do Faetonte, as crianças fizeram desenhos, com a história do mito e ao final fizeram um vídeo em quadrinhos.

4.9. Entrevista com a Geógrafa Juliana

“Na Vila Escola, você vai ensinar geografia, mas não consegue se limitar a ela, e mesmo na escola formal, impossível você discutir, por exemplo, a Palestina, e não discutir os conflitos territoriais, as diferenças culturais, as fronteiras dos territórios, o relevo” e acrescentamos que junto a essas questões é possível unir a geografia com vários outros conhecimentos como história, português, matemática e até mesmo a arte.

Experiência com Educação

Foi fazer geografia por uma questão política e na faculdade achou fraco e acabou se envolvendo com a questão ambiental. Arrumou emprego em uma escola

formal, o dono era o diretor, autoritário, de quinta a oitava, foram seis meses e largou, pois não tinha condições de lidar com a sala de aula, não possuía experiência, sentia não possuir base teórica para lidar com uma série de situações. Depois foi trabalhar com educação ambiental no Parque Ibirapuera, porém pouco se discutia as origens das questões ambientais, além de fazer uma crítica ao parque ser super elitizado, com babás negras com crianças brancas, e se ensinava as crianças a abraçarem as árvores e nada se falava sobre a escravidão moderna por exemplo. E não podíamos falar ou ensinar o que queríamos. Depois trabalhou também em uma editora com a produção de mapas didáticos em que criticou também a falta de uma crítica radical a questão.

Escola Pública

Fez os estágios da faculdade, e uma pequena experiência na escola de Cumuru. “Aquele espaço é irreal”, diz que a escola não produz pessoas, cita Foucault, em que a escola normatiza, todos são iguais, a escola é castradora, fala também da má formação dos professores, que também não são os culpados, mas parte de um sistema, por isso é difícil uma autonomia do professor, pois está submetido a normas também.

Vila- Escola

Juliana começa dizendo “Ir pra Vila não é trabalho, como é que um trabalho pode ser tão prazeroso?”. Nesse momento já diferencia o trabalho de emprego, e vê a educação como formação de pessoas para o trabalho, mas o trabalho como algo prazeroso. Ela segue dizendo que “é nesse sentido que construímos na Vila- Escola, para eles se realizarem como pessoas, dessa maneira se uma criança quiser ser pescadora, faremos de tudo para ser a melhor naquilo que faz, ou então se quiser estudar direito, ou mesmo a questão de gênero, se a menina quiser ser presidente, faremos de tudo com todas as ressalvas, e até dona de casa”.

Ensino de Geografia na Escola Tradicional

Fala da proposta grandiosa dos PCN's, mas que é um conto de fadas e que não se faz o mínimo para que aquilo aconteça, e acha que é impossível dentro da

escola aquilo acontecer. Lembra que os livros didáticos ainda falam as mesmas coisas de quando ela estudava, não mudou nada, ela diz. E muitas vezes acabou usando o livro didático para criticar junto aos alunos. Acabamos voltando ao tema da própria estrutura autoritária da sala de aula, em que o horário de recreio é o momento da libertação, e já na Vila Escola eles tem muitos momentos de libertação, é como um recreio, até por isso ela pensa que quando formaliza pode ter algumas exigências e a Vila escola vai ter de ser firme ao afirmar que na Vila Escola eles vão brincar , vão aprender brincando, e alguns pais ou mesmo a sociedade acha que brincar é uma coisa e estudar é outra.

Ensino de Geografia na Vila Escola

Foram faladas sobre a aula de culinária, o trecking, o sistema solar, entre outras mais pontuais.

“As vezes esquecemos de falar coisas em momentos importantes, coisas que não dá pra retomar, assim como tem coisas que você quer falar, por exemplo questões do feminismo, porém ninguém está interessado naquilo, você pode se frustrar” diz ela.

“As vezes as coisas acontecem, lembrou o dia em que uma criança falou que estava colecionando pedras, ela então começou a falar sobre a origem, os tipos de rocha, etc, e pra ele fez o maior sentido, o ensino começou a acontecer e você nem percebe, a geografia aparece no dia a dia”.

Política, sem ser autoritário

Para ela, você se torna libertário a partir do momento que apresenta a multiplicidade inclusive aquilo que você acredita, claro não buscando ser neutro, mas descarregado de preconceitos. Por exemplo, fala de socialismo, defende, mas fala do capitalista e tal, deixando claro as possibilidades.

Para a educadora, “a Vila-Escola é um projeto onde muitos projetos se juntam, então cada pessoa é um projeto de vida, é uma visão de mundo, por mais que tem a proposta da Vila Escola que está ali né, tem os princípios, mas o seu projeto ta envolvido naqueles princípios”, por exemplo ela afirma ter “uma proposta

filosófica de introduzir a dialética marxista lá, eu to lá por causa da luta de classes, eu quero essas crianças “pegando em armas” se tiverem que pegar.

Ela termina a entrevista afirmando não ser comunista, mas anarquista! Diz que não temos que tomar, o poder tem que ser destruído”.

5. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA

Na escola tradicional, de modo geral, pode-se definir o conhecimento como o conjunto de saberes e técnicas produzidos pela humanidade e acumulados na história da mesma.

Entretanto, com o iluminismo, a divinização da razão e o posterior desenvolvimento da ciência, ocorre certa priorização das formas de conhecimento, com a hegemonia do conhecimento científico sobre as demais formas.

Neste sentido, é o conhecimento racional e científico que define e orienta todo o processo de ensino-aprendizado na escola tradicional, conforme pode ser notado nas chamadas “disciplinas” que, baseadas na divisão dos campos da ciência, formam as grades curriculares e definem os conteúdos a serem ministrados durante o ano letivo para cada turma.

Na Vila-Escola, o conhecimento é entendido mais amplamente, de modo a combinar o conhecimento e as disciplinas científicas com outras formas de conhecimento não hegemônicas como, por exemplo, o conhecimento prático ou tradicional da comunidade local.

Através da noção de educação integral, a Vila-Escola busca abarcar tanto o trabalho intelectual quanto o trabalho manual, de modo que o educando tenha possibilidade de desenvolver da forma mais completa todas as suas faculdades físicas e intelectuais. Além disso, existe uma busca por um modo mais afetivo e menos racionalizado de entender o próprio conhecimento.

Se na escola tradicional o conhecimento tem como fim a produção de sujeitos aptos à integração no mercado de trabalho, sujeitos conhecedores de técnicas aplicáveis principalmente em alguma profissão, na Vila-Escola o conhecimento tem como fim a produção de sujeitos aptos a se integrarem em suas comunidades, sujeitos “conhecedores de si mesmo”, conforme apontado na proposta político pedagógica.

Na Vila-Escola, toda e qualquer pessoa possui conhecimento ou, em realidade, diversas formas e níveis de conhecimento. Esta escola busca valorizar o conhecimento prático que todo ser humano possui, ou seja, o conhecimento que está na padaria, na cozinha do restaurante, na oficina de bicicleta, no posto de saúde, na pousada, no mercadinho, no bote do pescador, na roça, na aldeia pataxó, na biblioteca da vila, nas outras escolas, no cinema na praça, etc, assim como o conhecimento científico também. Sendo todo ser humano sujeito do conhecimento, os conhecimentos dos próprios estudantes da VILA ficam destacados, sendo considerados como ponto de partida para qualquer intervenção pedagógica.

Neste sentido, nota-se que mais que a transmissão de conhecimentos racionais e científicos, a Vila-Escola tem como objetivo a produção de processo criativo, de trocas de conhecimento e perspectivas, realizados entre todos os estudantes e entre estes e os educadores, onde os diversos conhecimentos envolvidos em uma situação específica são a todos não somente para sua reprodução, mais sim para a sua apreensão e recriação.

O processo de aprendizado se inicia com a valorização da cultura e dos conhecimentos dos estudantes e com suas inquietações, no que diz respeito a diversos conhecimentos, e aqui incluímos o estudo da geografia.

O papel do educador passa a ser o de auxiliar os estudantes a descobrirem seus talentos, perseguirem seus interesses e realizarem seus projetos, oferecendo-lhes o suporte necessário como orientador desses processos. Com isso, o educador foca seu olhar e sua escuta nos interesses, ritmos, silêncios e demandas dos estudantes e em suas crescentes capacidades para se responsabilizarem por suas escolhas.

Existe assim um respeito ao conhecimento de todos e de cada um e, principalmente, um respeito ao ritmo de aprendizado, apreensão e recriação de cada um. O conhecimento é visto como um elemento central no processo de produção de si mesmo e do mundo a sua volta. Pode-se dizer, assim, que na Vila Escola existe um princípio de “diretividade coletiva” do processo de educação.

Na Vila-Escola existe uma busca por uma real participação e democratização da escola. Esta é realizada de forma horizontal onde todos integrantes da

comunidade escolar possuem a mesma possibilidade de participação e o mesmo poder de voto.

Esse é um ponto essencial da Vila-Escola com a Pedagogia Libertária, a constituição de assembléias abertas a todos os participantes da comunidade escolar, onde são discutidos, livremente, temas de interesse da escola e sua gestão, rotinas e questões pedagógicas, sendo o voto um direito de todos, sem distinção de idade, cargo ou função. Outro ponto fundamental de aproximação com a Pedagogia Libertária é a liberdade que o estudante encontra em optar por seu próprio percurso de aprendizagem, de acordo com seus interesses e paixões.

A roda, ou assembléias, acontecem uma vez por semana, nas segundas feiras, ou quando necessárias. É a partir da roda que todos (desde as crianças até os adultos) vão aprendendo que são de vital importância para a própria continuidade da escola, compreendendo que são ativos na construção do conhecimento e do espaço comum.

Notou-se que é participando dessas decisões que se aprende: a questionar; a desenvolver argumentações e o espírito crítico para ceder ou convencer, ouvindo-se distintas opiniões; a compartilhar decisões e responsabilidades; a exercitar a capacidade de tolerância, buscando consensos possíveis e desejáveis para o “bem-comum”.

Em relação às disciplinas estudadas, estas não existem como na escola tradicional, pois o trabalho é feito a partir de “projetos de saber”, as oficinas ministradas na escola.

Os projetos de saber funcionam a partir da proposta de algum tema para estudo, seja esta feita por parte das crianças, seja por parte dos educadores.

Definido a temática, alguém que se sente mais a vontade para moderar o estudo é escolhido como “mestre” deste projeto e em conjunto com os outros interessados pela temática definem os conteúdos a serem estudados e abordados, incluindo aqui os campos do conhecimento científicos e o conhecimento tradicional e prático da comunidade, e assim vimos aparecer o ensino de geografia, entre tantos conhecimentos.

O ensino de geografia acontece, e de uma forma livre e espontânea, seguindo os interesses das crianças e a observação dos educadores aos interesses de cada um. A forma que os educadores encontraram de avaliar o conhecimento apreendido

foi de fato a observação cotidiana, sendo cada educador responsável por ser o tutor de 5 crianças, assim ele consegue perceber o que foi apreendido por eles a partir do que se propuseram a estudar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi fruto de reflexões que surgiram de experiências vividas na escola pública tradicional e, posteriormente, em uma escola democrática. Além dos nossos questionamentos sobre a Educação na sociedade, sua função social, sua importância, e como ela pode cumprir um papel fundamental na transformação dessa sociedade de exclusão e alienação.

Consideramos de fundamental importância a postura e o trabalho de alguns professores das escolas públicas, que estão de fato comprometidos com uma educação de qualidade que facilite o processo de emancipação dos sujeitos. Porém, sabemos das inúmeras dificuldades encontradas atrás daqueles muros e grades. Como salas lotadas de alunos, jornadas de trabalho imensas, salários ruins, sem falar da questão da formação desses professores. Não desconsideramos a boa influência desses professores diferenciados, porém escolhemos observar e experienciar um espaço que de fato propiciasse a vivência da democracia e da liberdade.

Em nosso estudo foi possível observar e refletir sobre os diversos aspectos de uma experiência libertária na educação. Foi de fato interessante e revelador ver uma Roda de conversa acontecer e as crianças levantarem as mãos para exporem sua opinião, ver uma criança dizer que quer estudar tal assunto e o educador valorizar isso e não dizer que aquilo não faz parte da aula.

Ao se fundamentar nos princípios do antiautoritarismo, educação integral e autogestão a Vila Escola produz um campo pedagógico diferenciado que se propõe enquanto alternativa ao modelo da escola tradicional.

Entretanto esta polarização deve ser também relativizada, no sentido em que existe uma forma de complementação e contradição entre a Vila Escola e as Escolas de Cumuruxatiba. Complementação no sentido que, devido a não oficialização da Vila enquanto escola por parte do estado, todas as crianças que estudam na Vila-Escola estudam também na escola tradicional. Assim, mais que uma alternativa educativa, a Vila acaba por ser um espaço de educação e formação complementar à escola tradicional.

Outro ponto que merecer ser destacado é a contradição entre a Vila Escola e a educação tradicional, tendo em vista que não são somente os estudantes da Vila que estão em contato direto com a escola tradicional. Também todos os educadores e os pais dos estudantes foram formados pela escola tradicional. Esta formação, conforme já discutido, está interiorizada em toda a comunidade escolar da Vila, o que leva a necessidade de rompimento com a lógica escolar tradicional. Este rompimento é uma tarefa extremamente difícil, especialmente por que é essa a lógica pedagógica hegemônica que, de certo modo, acaba sendo “desejada” e reproduzida pelos pais, estudantes e educadores da Vila.

Esta contradição pode ser entendida também como uma complementação, tendo em vista que mesmo formados pela escola tradicional, os educadores, apoiadores, pais e estudantes buscam construir, no seu dia a dia, uma alternativa a esse modelo autoritário de educação através da construção de um projeto, um projeto de gente: a Vila Escola Projeto de Gente.

Porém não se trata só de pensar a Vila Escola como uma iniciativa complementar ou contraditória com a escola tradicional, também há diversas dificuldades que colocam em risco a permanência da Vila Escola. Primeiro por ela ter sido uma iniciativa que surgiu exteriormente (fora à comunidade de Cumuruxatiba) e apesar da interação e integração à comunidade a Vila continua mantendo uma forte dependência a seus fundadores e à vontade e compromisso de umas quantas pessoas particulares, especialmente os atuais educadores.

São inúmeras as dificuldades da construção desse espaço, vale ressaltar além dessa, a questão dos recursos, pois não depender do Estado e nem de empresas, torna a questão financeira muito complicada. É possível perceber também, que por mais que se busque construir relações pautadas no respeito, na democracia, na solidariedade, na individuação, as crianças vivem boa parte do tempo delas em outros espaços em que nem sempre são vivenciados esses valores.

Bakunin já afirmava isso, quando escrevia e propunha a Educação integral, libertária, falava dos limites dessa em uma sociedade capitalista, afirmando que não se pode ser um espaço de liberdade dentro de um sistema opressor, e dessa forma propunha a transformação social caminhando junto com a transformação da educação.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M.L.A. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

BARBOSA, R. *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. In: BRASIL. Ministério da Educação e Saúde, Obras completas de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1946.

BOGDAN, R.C. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994

CALLAI, Helena. Copetti. *A Geografia no Ensino Médio*. In “As transformações no mundo da educação: Geografia, Ensino e Responsabilidade Social”. Revista Terra Livre, São Paulo, jan.-julho 1999, nº 14, p.60.

CAPEL, H. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea*. 3ªed. Barcelona:Barcanova, 1988.

CARLOS, Ana Fani. (Org.) *A geografia na sala de aula*. 2a ed.; São Paulo: Editora Contexto: 2000.

CAVALCANTI, Lana. *Geografia, Escola e construção de Conhecimentos*. Campinas, SP: Papirus, 1998. Revista terra livre.

CODELLO, Francesco. *“A Boa Educação” Experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill Volume 1: A Teoria*. São Paulo: Imaginário, 2007.

GALLO, S. *Educação Anarquista: Um Paradigma para Hoje*. Piracicaba: Ed.Unimep, 1995.

_____. *Pedagogia do Risco*. Experiências anarquistas em Educação. São Paulo: ed.Papirus, 1995.

_____. *A Educação Pública como função do Estado*. Artigo publicado em Comunicações - Revista do Pós-Graduação em Educação da Unimep, 1998.

GILES, T.R. *Filosofia da Educação*. São Paulo: EPU, 1983.

HARPER, Babette. *Cuidado Escola*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

ILICH, Ivan... [et al.]. *Educação e Liberdade*. São Paulo: Imaginário, 1990.

LIPIANSKY, E.M. *A Pedagogia Libertária*. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2007.

LUDKE, M. E ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

RECLUS, Elisée E KROPOTKIN, Piotr. *Escritos sobre Educação e Geografia*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011.

RÊGO, G.O. A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro(1837-1942) . Professor de Prática de Ensino de Geografia da Universidade Federal do Pará, Belém-Pará-Brasil.

SOBREIRA, Antonio Elísio Garcia. *Pedagogia Anarquista e ensino de geografia: conquistando cotas de liberdade*. 2009. 332 f. Tese de Doutorado- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologias. Presidente Prudente: 2009.

TRIVINÕS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

Bibliografia Consultada

BAKUNIN, Mikhail. *O socialismo libertário*. São Paulo: Global Editora, 1979. Global Editora.

BREITBART, Myrna Margulies, et AL. *Anarquismo y Geografia*. Vilassar de Mar: Oikos-Tau, 1989.

CALLAI, Helena Copetti. *A Geografia e a escola: Muda a geografia? Muda o ensino?* Revista Terra Livre. São Paulo: n. 16 p. 133-152 /1º semestre/2001.

CARVALHO, José Sérgio. *O discurso pedagógico das diretrizes curriculares nacionais: competência crítica e interdisciplinaridade*. Faculdade de Educação da USP. Cadernos de Pesquisa, nº 112, março/ 2001.

CHARLOT, A. A mistificação pedagógica: esboço de uma pedagogia não ideológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

FREIRE, Paulo (1987). *Pedagogia do oprimido*. 32a ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GUSDORF, Georges. *Professores para quê?: Para uma Pedagogia da Pedagogia*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In. PONTUSCHKA, N. N., OLIVEIRA, A. U. de (org), *Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa*, São Paulo, Contexto, 2002.

_____. *A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia crítica*. 2004. 363 f, Tese (Doutorado em geografia)- Curso de Pós Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

_____(org). *Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Para onde vai o ensino de Geografia?* 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PONTUSCHKA, N.N. (org.) et al. *Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública*. São Paulo, Loyola, 1993.

_____. *A formação pedagógica do professor de geografia e as*

práticas interdisciplinares. São Paulo, 1994. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

ROSA, Pedro Senna. *O Ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos a luz da Pedagogia Anarquista*. Artigo publicado no 10º Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. Porto Alegre: 2009.

SANTOS, F. M. C. *O currículo da pedagogia libertária: o formal e o não formal*. S/d. Disponível em www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../ML9w6NU7.doc.

SIMKA, S. *TCC não é um bicho- de- sete- cabeças*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda.,2009.

TRAGTENBERG, Maurício. *Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária*. In: Educação & Sociedade – Ano II – Nº 1– Setembro de 1978. São Paulo, Cortez, pp. 17-49.

TONET,I. *Educação e formação humana*. Disponível em <http://www.ivotonet.xpg.com.br/>. Maceió: 2006.

SANTOS, F.M. *O Currículo da Pedagogia Libertária: Articulação entre o formal e o não formal*. Artigo apresentado na UNIRIO, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez, 2002.